

EDUCAÇÃO MUSEAL:

conceitos, história e políticas

3 Sistematização da educação museal: planejamento, registro e avaliação de ações educativas museais & Teoria educacional, formação, pesquisa e comunicação na educação museal



MUSEU
HISTÓRICO
NACIONAL

EDUCAÇÃO MUSEAL:

conceitos, história e políticas

3 Sistematização da educação museal: planejamento, registro e avaliação de ações educativas museais & Teoria educacional, formação, pesquisa e comunicação na educação museal

Organizadores: Fernanda Castro
Ozias Soares
Andréa Costa

MUSEU
HISTÓRICO
NACIONAL

2020

M986e Museu Histórico Nacional (Brasil).

Educação museal : conceitos, história e políticas /
organizadores: Fernanda Castro, Ozias Soares, Andréa Costa. Rio de
Janeiro : Museu Histórico Nacional, 2020.

87 p. : il. – (Sistematização da educação museal:
planejamento, registro e avaliação de ações educativas museais & Teoria
educacional, formação, pesquisa e comunicação na educação museal, III).

ISBN: 978-65-88035-04-7

I. Museus – aspectos educacionais. 2. Educação –
museus. I. Castro, Fernanda. II. Soares, Ozias. III.
Costa, Andréa. IV. Título.

CDD 069.15

SUMÁRIO

Educação Museal: conceitos, história e políticas Vania Drummond Bonelli	6
Apresentação Fernanda Castro, Ozias de Jesus Soares, Andréa Fernandes Costa	7
Prefácio Maria Esther Alvarez Valente	11
Sistematização da educação museal: planejamento, registro e avaliação de ações educativas museais	16
Relato de Experiência: Educação museal e tentativas de avaliação Ruth Vaz Costa	17
A implantação do Núcleo Educativo do Mauc: políticas públicas, planejamento e experimentação Saulo Moreno, Graciele Karine Siqueira, Helem Cristina Ribeiro de Oliveira Correia	30
Bolo de cenoura com cobertura de chocolate e museus comunitários: Elos poéticos e afetivos nos processos educativos do Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos Padre Mauro	44

Teoria educacional, formação, pesquisa e comunicação na educação museal	54
Tessituras pedagógicas, entre o museu e o mundo Ricardo Rubiales	55
O Grupo de Pesquisa Educação Museal: conceitos, história e políticas Jonatan da Silva, Priscila Borges, Thiago Consiglio, Fernanda Castro	65
Relato de Experiência sobre o Grupo de Estudos da Rede de Educadores em Museus da Bahia Igor Alexander Nascimento de Souza, Hilda Bárbara Maia Cezário, Mona Ribeiro Nascimento, Leane Cristina Ferreira Gonçalves	75

EDUCAÇÃO MUSEAL: CONCEITOS, HISTÓRIA E POLÍTICAS

O Museu Histórico Nacional tem a satisfação de apresentar a série “Educação Museal: conceitos, história e políticas”, com cinco volumes que tratam de temas diversos presentes no desenvolvimento da Educação Museal no Brasil.

Desde a criação do primeiro Curso de Museus do país, em 1932, o Museu Histórico Nacional mantém seu papel inovador e, recentemente, vem contribuindo para a implementação dos princípios e diretrizes da Política Nacional de Educação Museal.

A série tem como objetivo contribuir para a formação dos profissionais da Educação Museal, na difusão do conhecimento produzido e no incentivo à troca de experiências. Torna-se importante registrar, neste momento, a participação especial de jovens profissionais e especialistas, de todas as regiões do Brasil, de países da América Latina e da África.

Por meio da efetiva atuação do Núcleo de Educação, o museu vem construindo referências no campo do conhecimento e das práticas educativas. Agradecemos aos colaboradores do projeto, aos nossos apoiadores e ao Instituto Brasileiro de Museus, esperando que todos possam usufruir momentos de reflexão e consequentes ações inovadoras.

Vania Drummond Bonelli
Diretora Substituta

APRESENTAÇÃO

Em 2017, foi definida a Política Nacional de Educação Museal, após um processo de construção participativa que se iniciou em 2010 e que contou com a colaboração de educadores museais, agentes públicos, professores, estudantes, pesquisadores e demais profissionais de museus.

O texto final da Pnem apresenta os cinco princípios e as 19 diretrizes para Educação Museal no Brasil, sendo estas últimas divididas em três eixos: I - Gestão, II - Profissionais, pesquisa e formação e III - Museus e comunidade.

Entre as diretrizes do Eixo II estão aquelas que orientam o poder público, instituições e profissionais no sentido da promoção da formação profissional dos educadores museais.

A pesquisa, a realização de eventos e a oferta de cursos em diferentes níveis são exemplos de elementos necessários para essa promoção. Em todos esses casos o registro sobre práticas, concepções teóricas, conceitos e atuação política se fazem necessários.

A produção de conhecimento em Educação Museal se dá no Brasil há quase um século nos museus e no âmbito acadêmico há pelo menos 40 anos. Apesar disso, a forma difusa e descentralizada com que ocorre dificulta o conhecimento e a divulgação das pesquisas e reflexões produzidas sobre o tema.

No século XXI, a partir da instituição da Política Nacional de Museus, há uma tentativa de organização da área museal e de continuidade em suas políticas públicas, inclusive naquelas que envolvem a formação inicial e continuada dos profissionais de museus e que realizam processos museais em diferentes espaços.

Um fenômeno um pouco mais recente é a busca por uma **consolidação da Educação Museal como campo científico, profissional e político**. Nesse sentido vemos surgir uma série diversa de fatos que contribuem para a construção do campo da Educação Museal.

Desde o processo de construção participativa da Pnem, o Museu Histórico Nacional vem estabelecendo formas de colocá-la em prática, seja por meio de seus programas, projetos e ações, seja pela constituição de uma equipe e legado institucional.

A partir das orientações dessa política o museu estruturou seu Núcleo de Educação e elaborou, de forma participativa, o Programa Educativo e Cultural - a Política Educacional do MHN, documento que apresenta diagnósticos, estrutura organizativa, concepções e conceitos orientadores do trabalho educativo e as atribuições dos integrantes da equipe de profissionais de educação do museu.

O Núcleo de Educação é organizado, atualmente, em três programas:

- 1 - Programa de desenvolvimento e formação do público;
- 2 - Programa de pesquisa e criação em Educação Museal e
- 3 - Programa de desenvolvimento de parcerias.

É no contexto do Programa de pesquisa e criação em Educação Museal que foi criado o Grupo de Pesquisa “**Educação Museal: conceitos, história e políticas**” (GPEM), que é vinculado ao diretório do Instituto Brasileiro de Museus na plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Criado em junho de 2018, como uma linha de pesquisa do grupo “**Escritas da história em museus: objetos, narrativas e temporalidades**”, também vinculado ao diretório do Ibram no CNPq, um ano depois do início de suas atividades, o GPEM foi transformado em um grupo autônomo.

Com encontros mensais que realizam leituras e debates de textos e referências na temática da Educação Museal, o grupo reúne integrantes de diversas instituições e regiões do Brasil, promovendo também eventos, cursos, parcerias e, agora, inaugurando a realização de publicações.

Entendemos a **Educação Museal como um campo científico em construção**, que produz conhecimento específico na relação entre museus, universidades, pontos de memória, escolas e demais espaços onde ocorram processos de formação integral. Temos a Pnem como referência e a entendemos a **Educação Museal como um conceito histórico e teoricamente referenciado que está em processo de construção coletiva**.

Nosso grupo tem integrantes com diversos níveis de formação e que pertencem a diversos tipos de instituições, como museus, centros de ciência, centros culturais, escolas, universidades, empresas de turismo e consultoria em diversos assuntos. Nossas reuniões e eventos são abertos à participação.

Acreditamos que a diversidade de pessoas, crenças, epistemologias e práticas constitui a riqueza do campo da educação museal. Por isso mesmo, acreditamos na construção de uma **Educação Museal democrática, crítica, transformadora** e baseada nos contextos e circunstâncias em que nos inserimos.

Nesse sentido, defendemos a necessidade de desenvolvimento de **uma Educação Museal fundamentada em premissas decoloniais, que respeitem a história e as manifestações culturais e científicas**. Entendemos que nesse contexto há semelhanças entre o que chamamos de “**eixo sul**”, incluindo entre parceiros do Brasil: México, Perú, Argentina, Chile, Equador e Colômbia, representando a América Latina e, por enquanto, Moçambique, representando uma realidade da África que utiliza a língua portuguesa.

Nessa série de livros, intitulada “Educação Museal: conceitos, história e políticas”, contaremos com cinco volumes, cada um com dois temas e participação de autores representando o conhecimento já consagrado em nosso campo, as pesquisas recentes e as práticas da Educação Museal contemporânea. A partir de **múltiplos olhares e diferentes concepções de mundo e de Educação Museal**, os autores apresentaram uma rica gama de assuntos, experiências e pontos de vista, que contempla a diversidade de realidades, dos diferentes países e das regiões do Brasil participantes.

A ideia central dessa série é contribuir para a **difusão do conhecimento em Educação Museal e para a formação individual e coletiva dos profissionais e gestores da área**. Por isso apresentamos textos com perfil didático e indicações de pesquisa e continuidade de estudos, que permitam ao mesmo tempo o conhecimento de práticas estabelecidas na área e a reflexão sobre as mesmas.

O volume 1, trata da “História da Educação Museal no Brasil” e da “Prática político-pedagógica museal”, contando com autores do Rio de Janeiro, Pará, Rio Grande do Sul e de Maputo (Moçambique).

No volume 2 serão tratados os temas “Educação Museal: gestão, financiamento e reconhecimento da função educativa dos museus” e “A questão da profissionalização da educação museal”.

O volume 3 trará debates em torno da “Sistematização da Educação Museal: planejamento, registro e avaliação de ações e sobre “Teoria educacional, formação, pesquisa e comunicação na Educação Museal”.

No volume 4, teremos textos sobre “Museologia social, decolonialidade e Educação Museal” e “Relações entre museu e sociedade: escolas, comunidades, e a diversificação de públicos”.

Fechando a série, o volume 5 apresentará debates em torno da “Educação Museal e cibercultura” e da relação “Acessibilidade em museus e educação”.

Reunimos diversos autores, com diversos perfis e perspectivas teóricas e práticas, do Brasil, da América Latina e África, para nos brindar com seus múltiplos olhares e experiências. Esperamos, assim, contribuir para a **produção de conhecimento, as reflexões e para a formação em Educação Museal** e para o estreitamento dos laços entre profissionais, processos e instituições museais numa perspectiva democrática, soberana e transformadora da sociedade.

Desejamos uma boa leitura!

Fernanda Castro
Ozias de Jesus Soares
Andréa Fernandes Costa

PREFÁCIO

Maria Esther Alvarez Valente*

O livro contempla uma profusão de ideias e iniciativas que nos deixam orgulhosos da direção que diferentes profissionais de museus, imbuídos do mesmo espírito renovador, tomam para a consolidação do campo de conhecimento da Educação Museal. Os artigos, apresentados nesta obra, tratam das investigações cada vez mais conscientes para sua construção e dos caminhos a serem trilhados no aprofundamento teórico, prático e organizacional sobre a especificidade da perspectiva educacional dos museus. Os conteúdos permitem vislumbrar uma direção cada vez mais segura nessa empreitada, particularmente, brasileira.

Os textos partem de diferentes narrativas, sejam eles descritivos, analíticos ou teóricos. Longe de marcar hierarquias de conteúdos se apresentam em um contínuo necessário à compreensão do tema central. Todos com argumentos importantes no processo da constituição da Educação Museal, alicerçam dessa forma seu arcabouço teórico e prático.

Um campo em construção, no âmbito acadêmico e cultural, vem mapeando seus diferentes pontos de vista. Tido como uma riqueza que abarca os aspectos da vida social e humana, imbricados na sua historicidade, a Educação Museal se dá na busca pela compreensão dessa complexidade.

O conjunto dos artigos, composto por experiências trazidas de diferentes realidades, compõem um quadro em que se percebe as intenções comuns dos autores ao viabilizar o caráter formal das iniciativas. Nessas contribuições consideram que é preciso, primeiramente, identificar a quem se dirigem, reconhecer suas especificidades e o chão em que vão atuar. Ao mesmo tempo, refletem o respeito aos sujeitos e à formação de seus aspectos culturais com os quais vão interagir. Sem negligenciar as dimensões do diálogo e do coletivo, é nas abordagens dos meandros das relações entre instituições, seus públicos e não públicos que afloram os elementos das contradições e tensões que serão negociados entre os envolvidos.

* Graduada em História (PUC-RJ); mestre em Educação (PUC-RJ); doutora em Ciências (IG-UNICAMP) e docente no Programa de Pós-Graduação de Acervos de Ciência e Tecnologia do Museu de Astronomia e Ciências Afins (PPACT/MAST).

O primeiro artigo do livro, se aproxima desse entendimento. *Relato de Experiência: Educação museal e tentativas de avaliação*, se debruça sobre os museus do Estado de Goiás - Museu das Bandeiras, Museu de Arte Sacra da Boa Morte e Museu Casa da Princesa – todos vinculados ao Instituto Brasileiro de Museus – Ibram. A questão que mobilizou a autora a se organizar e atuar sobre as instituições, partiu do desconforto causado pela falta de continuidade das ações promovidas pelas instituições educativo-culturais, junto aos sujeitos que rodeiam suas vizinhanças. Como atuar no sentido de tornar duradoura a relação? Com o propósito de responder a essa e a outras questões, Ruth Vaz Costa se concentra na exploração de suas determinantes. Ao buscar conhecer o público e as instituições da cidade de Goiás, ela sublinha que, como ponto de partida: “É importante dizer sempre que nossas práticas são nossos laboratórios, e nossos experimentos e reflexões voltados para a prática precisam achar um lugar de fixação e partilha. Que não podemos – nem devemos – restringir nossa atuação a um só aspecto, mas ampliá-la. Elaborar mais em e para sua complexidade. Só dessa forma, outros colegas de museus, e nós mesmos, poderemos perceber, e assim enriquecer e valorizar esse campo em que atuamos.”

A mesma percepção pode ser observada na experiência apresentada no artigo *A implantação do Núcleo Educativo do Mauc: políticas públicas, planejamento e experimentação*, escrito pelos profissionais do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará, a saber, Saulo Moreno, Graciele Karine Siqueira e Helem Cristina Ribeiro de Oliveira Correia Rocha. O texto traz a trajetória do Museu Cearense, e surpreende por sua antiguidade, levando a refletir que as histórias da museologia e dos museus brasileiros estão por ser divulgadas. Embora existam iniciativas, ainda parece que estamos começando. Portanto, é preciso que se revigore a memória escondida. Quantos personagens podem trazer à luz as concepções de origem, que muitas vezes, para o bem ou para o mal, teimam em aparecer, mas são sufocadas e, permanecem permeando as tensões institucionais porque não são reveladas. Como dizem os autores, o Mauc foi criado sob a visão de ser um lugar de memória das Artes Cearenses, mas tendo, também, a missão de contribuir para a formação e a sensibilização do olhar da sociedade local, voltado ao universo artístico. A valorização desse passado é insumo na retomada do Museu, que se insere na Universidade, berço da produção do conhecimento, para se reconciliar com a contemporaneidade brasileira das iniciativas políticas dirigidas aos museus.

O artigo seguinte tem por título *Bolo de cenoura com cobertura de chocolate e museus comunitários. Elos poéticos e afetivos nos processos educativos do Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos*, de autoria de Mauro Luiz da Silva. O autor caminha por uma escrita carregada de emoção. As experiências narradas provocam sentidos humanos que vão além dos simples atos de ouvir, de olhar, de tocar, do cheiro e do paladar. O Museu, aqui explorado, é dinâmico em suas funções tradicionais, mas enquanto museu comunitário tem um papel relevante no acolhimento de seus vizinhos. Espaço aberto que convida a vivências cotidianas, provocando o sentimento de pertencimento nos indivíduos com aquele lugar. A prática do “lanche” diário, citado pelo autor do texto, tem papel importante nessa convivência. Tratar da sensibilidade dos sujeitos, não é só uma satisfação individual, mas um elemento para a conquista de todos, pela educação museal. É fundamental que, igualmente, se sintam em casa. Com a mesma atmosfera, outra experiência do museu aponta para a representação que os objetos musealizados passam a ter. E, ao se apropriar do termo “morada babilônica”, Silva sugere abrir portas para os inúmeros ‘olhos’ que visitam o museu. Com essa determinação, a instituição é concebida como espaço das diversas linguagens e do compartilhamento de experiências tocantes que implicam o passado no presente e provocam empatia. Nesse sentido, as interações idealizadas pela afetividade reconhecem a humanidade das relações, contribuindo para a dignidade humana e social das pessoas.

Na sequência, acercando-se de parceiros da América Latina, é apresentado o artigo *Urdiduras pedagógicas, entre o museu e o mundo*, de autoria de Ricardo Rubiales. Sua participação traz, com uma abordagem teórica, o texto que trata da construção do pensamento na relação da comunicação do museu com o público, centrada na esfera da cognição. O autor desenvolve sua argumentação tendo como contexto a sociedade atual, conduzida pela velocidade das novas tecnologias, onde os indivíduos são cobrados a se adaptar a uma outra organização humana de caráter mais imediatista, em que os meios digitais cumprem papel relevante na comunicação. As instituições museológicas e a museologia, instâncias de educação e cultura desta cena, impactadas pelas mesmas circunstâncias, se atualizam, procurando acompanhar as transformações. Ao explorar a apropriação do museu pelo visitante, o autor observa que a relação entre comunicação e aprendizagem é intrínseca. E é concebida como um princípio de participação política e de compartilhamento. Assim, em sua análise, na perspectiva educacional, a visibilidade e a legibilidade serão elementos fundamentais. Mas, como passar

dos museus reducionistas organizados por temáticas disciplinares ao museu de hoje, que se pretende dialógico e considera romper com as fronteiras disciplinares? Nesse enfrentamento, o autor sublinha que o compromisso educacional é produzir, de maneira crítica, espaços de aprendizagem para o discernimento das informações. Atuar nesse sentido pressupõe que a abordagem educativa deve estar apta a promover reflexões profundas, questionando percepções pessoais e dissonâncias cognitivas sobre os saberes veiculados, desvelando as tensões na complexidade dos processos históricos e sociais sobre o que é patrimônio. Desafiando as dificuldades Rubiales se concentra nos mecanismos de desenvolvimento do pensamento a partir dos estímulos utilizados pela comunicação no museu.

O artigo *O Grupo de Pesquisa Educação Museal - GPEM: conceitos, história e políticas*, produzido por Jonatan da Silva, Priscila Borges, Thiago Consiglio e Fernanda Castro, conta o processo de criação do GPEM. A iniciativa teve por base as diretrizes da Política Nacional de Educação Museal. Profissionais do Museu Histórico Nacional, comprometidos com o fortalecimento da área de conhecimento da Educação Museal se organizaram para constituir um grupo de pesquisa registrado no CNPq, organismo federal dedicado à promoção da pesquisa científica e à formação de recursos humanos do país. Pode-se dizer que, dessa forma, a chancela da entidade imprime no cenário acadêmico a aceitação da área da Educação Museal. Estes são passos importantes para a afirmação tanto dos pesquisadores quanto da estabilidade institucional do Museu Histórico Nacional como entidade de pesquisa e formação profissional. Manter presente na ação, a teoria e a prática, exercitando-se de forma constante, como em um laboratório onde é possível a experimentação, faz toda a diferença. Sem dúvida, a qualificação no processo das ações do GPEM contribuiu não só para a formulação participativa do “Programa Educativo e Cultural - A política Educacional do MHN”, mas também destaca-se em seus compromissos a disposição para a diversidade, nas mais variadas dimensões, respeitando a pluralidade de pensamento, registradas e compartilhadas em suas discussões e produção acadêmica. A valorização da construção coletiva do conhecimento é uma assinatura do grupo, que reúne pessoas de variadas instituições, localizadas em diversas regiões do país. Nesse empreendimento, firmam-se princípios e concepções que são apresentadas no texto.

Encerra o conjunto de contribuições o artigo *Relato de Experiência sobre o Grupo de Estudos da Rede de Educadores em Museus da Bahia*, apresentado por Igor Alexander Nascimento de Souza; Hilda Bárbara Maia Cezário;

Mona Ribeiro Nascimento e Leane Cristina Ferreira Gonçalves. Os autores iniciam o relato fazendo referência a professora Maria Célia Santos, por sua atuação na Educação Museal. Homenageada em 2020, nas comemorações de 10 anos da Rede de Educadores em Museus da Bahia (REM-BA), é reconhecida no seu DNA como madrinha. Profissional incansável cuja contribuição está impressa nessa área de conhecimento, já na criação do Curso de Museologia na Universidade Federal da Bahia. Como assinalam os autores, a REM-BA é uma entidade instituída coletivamente que, desde 2010, vem atuando no campo da Educação Museal, afirmando o respeito à formação integral, aos direitos humanos, à democracia, à educação para a autonomia, à cidadania e à emancipação dos sujeitos, sendo esses princípios fundamentais de sua organização interna. No Impulso do amadurecimento das ideias cria-se, no ano de comemoração do seu decênio, o Grupo de Estudo em Educação Museal da REM-BA, tema central a que se dedica este artigo. O empenho do grupo em se estruturar, está em promover a construção de conhecimento sobre conceitos e teorias, sobretudo, para a Educação Museal, mas também sobre práticas e experiências.

Vários dos artigos, vistos aqui, assemelham-se à proposta de constituir grupos de pesquisa e podem servir de inspiração para futuras iniciativas. Supõem-se que aqueles museus de universidades, pelo próprio vínculo institucional podem ter por parte de seus setores acadêmicos mais compromisso com a certificação de experiências como as apresentadas neste livro. O que não constitui uma regra, um exemplo está no MHN com o GPEM. Portanto, é importante valorizar o registro do processo de composição dos grupos de pesquisa e das experiências de outras instâncias. Isto porque, os relatos são inspiração na mobilização de muitas outras iniciativas localizadas em instituições acadêmicas ou não. Como ficou claro nos artigos apresentados, a importância da produção de documentos não está só no registro da organização da atuação dos profissionais envolvidos. É muito mais, uma atitude que beneficia outros possíveis parceiros, em torno de ações mais estruturadas, fortalecendo a centralidade e aprofundamento do pensar e fazer teórico e prático da Educação Museal.

As experiências apresentadas são inspiradoras. É muito bom ver a positividade da força gerada, em diferentes partes do país, por profissionais que na diversidade e na adversidade acreditam no ser humano e na sua grandeza para enfrentar a necessidade latente de concretizar um campo de conhecimento.

A IMPLANTAÇÃO DO NÚCLEO EDUCATIVO DO MAUC: POLÍTICAS PÚBLICAS, PLANEJAMENTO E EXPERIMENTAÇÃO

Graciele Karine Siqueira*

Helem Cristina Ribeiro de Oliveira Correia

Saulo Moreno Rocha

Breve histórico do Museu de Arte da UFC e de sua atuação educativa

Desde a sua criação, em 1961, o Museu de Arte da UFC (Mauc), localizado em Fortaleza – Ceará, possui um forte vínculo com a educação. Por ser um museu universitário, sempre manteve uma relação próxima do universo da formação humana; por ser um museu de arte, o primeiro do Estado do Ceará, desde a sua fundação serviu de espaço para exposições, produção artística e incentivo à criatividade e à valorização da cultura cearense e regional, em diálogo com uma perspectiva nacional e internacional.

Os primeiros indícios de sua atividade educativa podem ser encontrados ainda no período de pré-criação do museu (1957-1961), ou seja, nas atividades expositivas e culturais realizadas e irradiadas a partir da Reitoria da UFC, sob orientação e incentivo do Reitor Antônio Martins Filho, criador da UFC e do Mauc. Em depoimento publicado em suas memórias, Martins Filho (1996, p. 97) afirma:

No exercício da Reitoria da Universidade do Ceará, passei a considerar a importância dos museus e sua alta significação na sedimentação da cultura de um povo. Compreendi, igualmente,

* Graciele Karine Siqueira - Museóloga formada pela Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio). Mestre em Museologia e Patrimônio pela UniRio em parceria com o Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast). Especialista em Gestão Cultural pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Trabalha no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (Mauc/UFC), desde 2008, desempenhando a função de museóloga e responsável pela Divisão de Acervo. Desde 2018, ocupa a função de diretora do Mauc/UFC. E-mail: graciele@ufc.br

Helem Cristina Ribeiro de Oliveira Correia - Especialização em Estratégia e Gestão Empresarial na Universidade Estadual do Ceará. Possui graduação em Administração pela Universidade Federal do Ceará (2013). Atualmente, é Administradora no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará. E-mail: helem.ribeiro@ufc.br

Saulo Moreno Rocha - Bacharel em Museologia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2016). Mestre em Museologia e Patrimônio - UNIRIO/MAST (2018). Museólogo do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará - Mauc/UFC, na função de Coordenador do Núcleo Educativo (NEMauc). E-mail: smr.museologo@ufc.br

que teria tido maior rendimento nas minhas esporádicas visitas aos museus da Europa, se estivesse mais familiarizado com o mundo maravilhoso das artes plásticas.

Assim, o Mauc foi criado sob a visão de ser um lugar de memória das Artes Cearenses, mas também com a missão de contribuir para a formação e a sensibilização do olhar da sociedade local para o universo artístico. No projeto capitaneado por Martins Filho, em sintonia com os diálogos por ele estabelecidos com artistas cearenses, como Antônio Bandeira, Heloísa Juaçaba e Zenon Barreto, o Museu estava integrado a um projeto mais amplo de Universidade, no qual ciência e cultura andavam juntas em prol do desenvolvimento do Ceará e do Nordeste, aspecto consolidado sob o lema “O Universal pelo Regional”, cunhado por ele.

Dentre as suas finalidades, constam a promoção de exposições de artes, de cursos, conferências, palestras e debates, a preservação do patrimônio artístico do Ceará e o estímulo “por todos os meios ao seu alcance, do desenvolvimento das artes plásticas no Estado”¹. Os seus idealizadores e primeiros funcionários(as) estavam “convencido[s] de que um museu não é um órgão estático, custodiário apenas de obras de arte”, mas acreditavam que o seu papel primordial seria o de atuar como uma “força essencialmente dinamizadora da cultura artística”, preparando a população para “um contato vital, e não apenas periférico, com os problemas concernentes às artes plásticas” (MAUC, 1961, s.p).

Data dos primeiros anos do museu a atuação de “guias”, como eram identificados os profissionais responsáveis pela recepção dos públicos². Nos anos que se seguiram, o museu manteve e consagrou o modelo de “visitas guiadas”, além da oferta de cursos de arte. Em 1966, a instituição demonstra sua preocupação com o público infantil e a relação com as escolas com a realização do I Salão de Pintura Infantil, reunindo obras de 64 estudantes do ensino primário de Fortaleza. As mostras infantis voltaram a acontecer em 1971, 1973, 1975 e 1979³, reunindo grande número de estudantes, famílias, professoras(es) e público.

Em 1977, no âmbito da UFC, mas sem ligação direta com o museu, foi criada a Bolsa Trabalho Arte, iniciativa vinculada ao Departamento de Assuntos Culturais (DAC) do Ministério da Educação e Cultura (MEC) e localmente gerenciada pelas Pró-Reitorias de Assuntos Estudantis e Extensão. O programa ofertou bolsas de incentivo à produção artística em diferentes linguagens e dele participou Pedro Eymar Barbosa Costa, à

época estudante de Arquitetura e Urbanismo da UFC e, posteriormente, professor no mesmo curso e diretor do Mauc de 1987 a 2018. Como veremos adiante, Costa foi um dos agentes importantíssimos na reativação da Bolsa Arte na década de 1990, momento em que o museu passou a exercer um novo papel educativo com forte presença estudantil.

No final da década de 1980, é criada a Oficina de Gravura e Papel Artesanal do Mauc⁴, reforçando o lugar da instituição no panorama da formação de novas(os) artistas, dando origem a uma nova geração de gravadores(as) em Fortaleza. A atuação educativa da Oficina foi marcada pela experimentação e pela presença de estudantes de diferentes origens, numa perspectiva extensionista que abria o museu também a novos públicos, especialmente interessados em formação em uma cidade sem cursos superiores em Artes Visuais.

Nos anos 1990, após um processo de diminuição do quadro funcional, a responsabilidade pela recepção de grupos no museu ficou a cargo, principalmente, do diretor da instituição. O Prof. Pedro Eymar, diretor do Mauc de 1987 a 2018, realizava a recepção e mediação com os visitantes, contando em algumas ocasiões com bolsistas de diferentes cursos e com servidores(as)⁵. Apesar de possuir dimensões educativas (PEREIRA, 2010, p. 19) desde a sua criação, conforme é possível verificar no breve retrospecto apresentado, o Mauc só institucionalizou a sua função educativa muito recentemente, em 2019. A ausência de um setor educativo formalizado se relaciona a diversos fatores, dentre os quais a equipe reduzida de servidores(as) e as oscilações nas políticas de incentivo e valorização dos museus e da educação, como veremos a seguir.

O papel das políticas públicas museais e do planejamento institucional

Desde meados da década de 1990, com o Plano Collor, o Mauc viu sua equipe funcional diminuir drasticamente. Consideramos que neste período o museu foi se “desprofissionalizando” e contando com uma participação massiva de bolsistas para realização de atividades administrativas e expositivas. Nesse contexto, marcado por inúmeras mudanças e oscilações nas políticas educacionais e culturais, foi recriado o Programa Bolsa-Arte⁶, em 1997, a partir de ação conjunta da direção do Mauc com a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFC, fase que foi marcada pelos experimentos de criação coletiva (COSTA, s.d, p. 1).

Em 2004, após 12 anos sem profissional museólogo, é realizado concurso público para provimento deste cargo e, 2 anos depois, este profissional transfere-se para outro equipamento museológico dentro da estrutura da UFC. Em 2008, ocorre novo concurso para o cargo de museólogo para lotação no Mauc⁷ e, com a chegada da nova profissional, são implantadas novas diretrizes, como estudos de gestão e diagnósticos para a construção do Plano Museológico⁸, com vistas à compreensão dos processos técnicos instituídos e das práticas cotidianas da equipe, assim como para pensar um novo movimento e momento para a instituição⁹.

As novas ações que se desenvolveram desde então estiveram em sintonia com as políticas públicas museais que eram delineadas nos planos nacional e estadual. Desde 2003, com a Política Nacional de Museus (PNM), o campo museal brasileiro vinha recebendo atenção especial na pasta da Cultura, em movimentos que se desdobraram na criação do Ibram e a sanção do Estatuto de Museus (2009) e o Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM) (2010). Com o aumento de recursos para o setor, também foram sendo efetivadas políticas de fomento, incentivo e de profissionalização. O Mauc buscou acompanhar tais tendências, elaborando o seu planejamento e pleiteando recursos para potencializar as suas ações. No plano interno, a construção de estratégias possibilita a ampliação da equipe¹⁰ e a realização de reformas, melhorias e modernizações na sua área administrativa e nos espaços expositivos.

Em 2018, o Mauc passa por uma mudança brusca, com o encerramento de uma longa gestão (1987-2018), cuja tônica era a preservação e salvaguarda dos acervos (arquivístico, bibliográfico e museológico) e a segurança institucional. No plano educativo, destacou-se pela inovação artística através dos programas Bolsa Arte e Iniciarte, responsáveis pela formação de número expressivo de novos(as) artistas. Com a aposentadoria do gestor e a indicação da museóloga para o cargo de diretora, proposta acolhida pelo Reitor à época, iniciou-se um processo de transição e de redesenho institucional, com foco no planejamento estratégico. Com formação em Museologia, ocupando um cargo técnico e com amplo conhecimento sobre as potencialidades e desafios do museu, a nova gestora iniciou um processo de revisão da missão, da visão e dos valores deste museu, a partir de um trabalho coletivo e participativo e em parceria com a Coordenadoria de Comunicação Social e Marketing Institucional da UFC - CCSMI.

No contexto de descentralização das ações institucionais e contando com a sensibilização da gestão superior da UFC, no segundo semestre de 2018

foram alocadas no Mauc duas assistentes administrativas para colaborar com os trabalhos de comunicação e acessibilidade, sendo uma delas pessoa com deficiência visual. Este trabalho de redefinição das atribuições na instituição também suscitou a necessidade de implantar um projeto educativo que pudesse acolher as ações educativas de forma integrada com os objetivos do Mauc e da UFC. Entretanto, a realização desta ação implicava em uma série de recursos, dentre eles o mais significativo: as pessoas.

Apesar do curto tempo para sua elaboração, em virtude da janela de oportunidade em diálogo com a Reitoria, a direção e a administradora do museu elaboraram um projeto alinhado ao Plano Museológico e ao PDI para a implantação de um Núcleo Educativo a partir de março de 2019. O projeto educativo foi alinhado ao Eixo de Cultura Artística/Esporte em seu objetivo número 3.3: Ampliar atividades culturais nos campi de Fortaleza. A partir de um diagnóstico que destacou forças, fraquezas, ameaças e oportunidades, foi definido como objetivo geral do projeto “Implantar um serviço inovador de natureza educativa que contribua para o alcance da missão institucional do Mauc, situando-o como local de ensino-aprendizagem e atendendo aos mais variados públicos.” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2018, p. 6).

A metodologia do projeto previa como ação primeira o desenvolvimento de uma pesquisa institucional para subsidiar a atuação dos bolsistas, não apenas em termos de conhecimento da história do museu, mas também para harmonizar outras ações com a atuação do Mauc. O plano de ação se subdividiu em dois eixos: **participação e formação**, em alinhamento aos princípios e diretrizes da Política Nacional de Educação Museal (PNEM)¹¹. Os objetivos específicos estabelecidos foram:

Promover o acesso ao conhecimento da história do Mauc e de seu acervo; Promover a comunicação do acervo do museu por meio de atividades educativas diversificadas; Difundir o conhecimento da arte por meio de canais virtuais de comunicação; Estimular o público em geral a frequentar os espaços do museu; Contribuir com a formação de educadores, alunos e pesquisadores. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2018, p. 8-9)

O projeto previa parâmetros de avaliação a serem verificados após um ano de sua implantação¹². Por ocasião da apresentação deste projeto, foi autorizada a realização de um concurso para provimento do cargo de

museólogo e a concessão de cinco (5) bolsas do Programa Institucional de Bolsas de Inovação - PIBI para implantação do Núcleo Educativo.

Com a chegada do novo museólogo e com o processo seletivo das bolsas, o programa entrou em vigor e foi ganhando seus contornos e definições a partir da programação institucional, do calendário de exposições temporárias e da atuação dos(as) educadoras(es). Apesar dos desafios para a continuidade das ações do projeto, consideramos que o museu vem desenvolvendo ações significativas por meio de seu Núcleo Educativo, o que tem contribuído não apenas para fortalecer o diálogo com o público, como também para a formação acadêmica dos alunos e alunas participantes. A seguir, abordaremos alguns aspectos da ação do NEMauc, com foco no seu primeiro ano de existência.

A implantação do Núcleo Educativo do Mauc (NEMauc): inspirações e experimentações

O Núcleo Educativo do Museu de Arte da UFC (NEMauc), implantado em março de 2019, é a instância pedagógica responsável pela realização das ações educativo-culturais da instituição. Atua por meio de ações coordenadas com vistas à recepção e ao acolhimento de diferentes públicos, realizando visitas mediadas, oficinas, workshops, formações em Arte e em Museologia, parcerias intra e interinstitucionais, dentre outras. Organiza suas ações em sintonia com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFC, o Plano Museológico do Mauc e o Projeto Educativo (a partir do qual foi criado). Além disso, busca sintonizar sua existência às políticas museológicas nacionais e aos marcos legais do campo museal, como o Estatuto de Museus e a Política Nacional de Educação Museal (PNEM).

A atuação do NEMauc efetiva-se a partir de programas e projetos, financiados por instâncias da Universidade Federal do Ceará, aos quais estão vinculados estudantes de diferentes cursos da instituição, que atuam como educadores e educadoras. Além disso, compreende o Programa de Voluntariado – criado com o objetivo de integrar ao museu estudantes da UFC, da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) – e o Programa de Estágio, em parceria com a disciplina Ação Educativa Patrimonial, do Curso de História (UECE).

O Núcleo Educativo recebeu como legado uma série de projetos e ações que já vinham sendo desenvolvidos, como as oficinas artísticas ministradas

pelo servidor Francisco Bandeira, da Oficina Mestre Noza, e a atuação de estagiários(as) da UECE. Com as transformações institucionais iniciadas em 2018, o museu crescentemente se abria a novas possibilidades de ocupação de seus espaços e para a amplificação de suas relações com a sociedade. A primeira atividade do NEMauc foi, portanto, assumir a mediação com grupos de visitantes, nas exposições temporárias e na de longa duração.

A primeira composição do núcleo contou com estudantes de História, Letras (Português/Italiano e Libras) e Pedagogia, a partir do projeto “Inovação e Ação Educativa no Museu de Arte da UFC”¹³, fomentado pela Bolsa PIBI¹⁴. Cada estudante trazia experiências diversas e uma rede de contatos que favoreceram novos projetos e ações. Além da realização de visitas mediadas, as(os) educadoras(es) foram incentivados na construção de projetos individuais e coletivos, nos quais teriam liberdade e autonomia para imaginar, propor e executar ações educativas no museu.

Ao longo do primeiro semestre, foram tecidas e aprimoradas as metodologias de mediação e também de estudo e pesquisa sobre a história do museu, de seu acervo e das potencialidades dos diálogos junto aos diferentes perfis de público. A construção do NEMauc foi se delineando a partir de uma intensa troca entre o Educativo, os públicos, as parceiras e parceiros, bem como com toda a Equipe do Museu. Destaca-se, nesse contexto, a preocupação, desde a fase de projeto, com a acessibilidade. Assim, pela primeira vez o Mauc contou com uma educadora surda, July Dionizio, do curso de Letras Libras, que realizou visitas mediadas na Língua Brasileira de Sinais (Libras) e proporcionou novos olhares para o museu, trazendo à instituição não-públicos e contribuindo na consolidação de um museu mais plural e inclusivo.

Em julho de 2019 foi implementado o Programa **Férias no Mauc: museus para todos os públicos**, com o objetivo de oferecer à sociedade uma programação diversificada no período de férias escolares e acadêmicas. A primeira edição foi construída com projetos elaborados pelo Educativo e por meio de parcerias com pessoas que já desenvolviam colaborações com a instituição. Além disso, a Oficina Mestre Noza expandiu a sua oferta formativa, contribuindo com o evento. Durante um mês, foi possível pensar em outros modos de viver o museu, inspirados nas experiências anteriores da própria instituição que, desde antes de sua criação formal, serviu de espaço para a produção coletiva de arte. O Férias no Mauc foi uma ação revitalizadora do papel desta instituição tanto em termos de formação quanto de conhecimentos e vivências.

No segundo semestre, foi criado o **Grupo de Estudos em Educação Museal (GEEM/Mauc)**, devido à necessidade de espaços de formação para o Educativo. A partir da leitura de textos e debates, o grupo foi consolidando perspectivas teóricas e práticas, bem como serviu para aprofundar relações e diálogos com curadores(as), artistas e profissionais que passavam pela instituição com exposições temporárias. Foi uma iniciativa voltada à profissionalização e consolidação das matrizes educativas, incentivando novas pesquisas e atuações.

Como desdobramento da parceria com a disciplina Ação Educativa Patrimonial da UECE¹⁵, foi instituído o **Programa de Voluntariado**, a partir de demanda apresentada pelas estudantes que, após cumprir a carga horária de 30 a 50 horas de estágio, desejavam permanecer atuantes no museu. Assim, após tramitar pela direção e administração do Mauc, o programa foi instituído com o amparo jurídico da Universidade.

Além disso, cabe pontuar o papel do NEMauc na organização de distintos eventos e programações do museu. A partir de sua implantação, o setor passou a ser responsável por organizar a participação do Mauc na Semana Nacional de Museus e na Primavera dos Museus, em parceria com os demais setores. Assim, foram promovidas diversas ações, como a **Ocupação Cultural A Negritude no fio da palavra**¹⁶, o **Seminário Interinstitucional Por dentro e para além do museu: arte, educação e patrimônio**¹⁷ e, em sintonia com exposição comemorativa do centenário de nascimento do artista Nilo Firmeza (Estrigas), o **Seminário 100 Estrigas: Memória e Legado**. Destacam-se ainda diversas edições do projeto **Conversas Mauc**, com pesquisadores(as) de diferentes áreas e a participação nas duas edições do Corredor Cultural Benfica em 2019.

Com o objetivo de fortalecer as suas linhas de pesquisa, os seus projetos e valorizar a atuação de bolsistas, estagiários(as), voluntários(as) e servidores, foi realizada em dezembro de 2019 a **I Jornada de Práticas Educativas e Científicas do Mauc**. O evento, aberto ao público, se propunha a ser um espaço de compartilhamento dos conhecimentos e trabalhos produzidos durante o ano, contribuindo com a divulgação científico-cultural e o reconhecimento do trabalho desenvolvido. Além disso, foi preparatório para a apresentação de trabalhos nos Encontros Universitários, evento universitário anual no qual são divulgados os resultados dos diferentes projetos de ensino, pesquisa e extensão da UFC.

Considerações finais

A partir do breve panorama apresentado, é possível apontar a importância da institucionalização do Núcleo Educativo do Mauc para o fortalecimento do museu, de ampliação de suas relações com a sociedade e as contribuições que tem dado o setor ao cumprimento de sua missão social, através da diversidade de programas, projetos e ações em andamento. No curto espaço deste texto não foi possível aprofundar uma série de tópicos importantes, como os projetos específicos, as pesquisas em andamento, as inúmeras parcerias realizadas, inclusive em projetos inovadores de acessibilidade. Contudo, vale pontuar alguns números e informações que contribuem para aferir os impactos da ação educativa do NEMauc em seu primeiro ano.

Em 2019, o Mauc recebeu 211 grupos agendados, totalizando, entre visitas agendadas e espontâneas, 17.482 visitantes. Atuaram no Educativo como educadores(as): 5 estudantes do Programa PIBI, 3 do Programa de Bolsas de Iniciação Acadêmica (BIA/PRAE), 15 estagiários (História – UECE) e 26 voluntárias(os). Destacam-se ainda a apresentação de 16 trabalhos (modalidade comunicação oral), 16 resumos publicados, 1 pôster, 1 resumo expandido em anais de evento e 1 texto em catálogo. Atualmente, estão sendo escritos ou em fase de organização outras publicações, que contam com contribuições significativas de educadores(as) do museu.

Em janeiro de 2020, realizamos a 2ª Edição do Férias no Mauc, através de uma convocatória pública e com projetos desenvolvidos por bolsistas e colaboradores(as) voluntárias(os). Com a pandemia de Covid-19 e o fechamento do museu, as atividades migraram para o meio digital. O Educativo, assim como toda a instituição, precisou se reinventar e tem realizado uma série de ações online, às quais não teremos como aqui abordar. Entretanto, destacamos o quanto tem sido importantes as ações e o fortalecimento do NEMauc, possível por meio do engajamento de seus(as) educadoras(es) e uma ambiência institucional que valoriza a Educação Museal como eixo fundamental de novas possibilidades de ser e fazer museu.

Em todo o seu processo de institucionalização, o NEMauc vem se alimentando da multiplicidade de experiências desenvolvidas por seus integrantes, das parcerias intra e interinstitucionais e nas relações com os públicos. A sua vitalidade está ancorada, portanto, sobre um tripé: **pesquisa, formação e participação**. Tem contribuído para tanto as políticas públicas museais, como a PNEM, maior inspiradora de nossa atuação (IBRAM, 2018), bem como os diálogos que tem possibilitado novas formas de pensar, fazer e viver arte, museu e patrimônio.

Notas

- 1 Cf. Resolução nº 104 de 18 de julho de 1961 (documento oficial de criação do museu).
- 2 A primeira pessoa a atuar neste posto foi Rita Araújo, esposa do artista e professor da UFC Nearco Araújo. Posteriormente, assumiu o cargo Henrique Barroso que, após concluir o Curso de Museus do Museu Histórico Nacional em 1966, retorna à Fortaleza e se torna o primeiro museólogo do Mauc, permanecendo na instituição até 1991, quando se aposenta.
- 3 A primeira edição foi nomeada de Salão de Pintura Infantil no Mauc. A partir da segunda edição, foi renomeada para Salão Infantil de Artes Plásticas. Em outubro de 2018, a partir de oficinas artísticas realizadas na participação do Mauc no Corredor Cultural Benfica e do mês das crianças, tais iniciativas foram revisitadas, com a promoção das exposições “Fazendo arte na escola” (promovida pela Escola e Creche Sementinha) e “Um olhar das crianças sobre o Mauc” (com curadoria de Auricélia França, técnica em arquivos do Mauc).
- 4 A Oficina foi criada a partir de parceria com a Secretaria de Cultura do Ceará (Secult-CE), com a coordenação do professor e artista Eduardo Eloy. Em 2013, após reforma, ampliação e alocação de um servidor para o setor, foi batizada de Oficina Mestre Noza, em homenagem ao gravador popular pernambucano radicado em Juazeiro.
- 5 Cabe destacar a atuação do servidor Pedro Humberto Silva, fotógrafo e professor de Ensino Básico e Tecnológico. Ao chegar ao Mauc, removido da Casa Amarela Eusélio de Oliveira (equipamento cultural da universidade, referência em audiovisual), ele assume a responsabilidade de fotografar todo o acervo museológico, as exposições e eventos realizados, os grupos de visitantes e as efemérides cotidianas. Investe tempo no estudo e qualificação, especializando-se na área de Arte-Educação e na área de programação de computadores e passa a contribuir na manutenção do site institucional com a inserção de fotos do acervo separado por coleções específicas e registro das visitas e eventos. Entre 2000 e 2015, Silva dividiu com o diretor a tarefa de recepcionar o grupo de visitantes, se ocupando principalmente com o público infanto-juvenil, enquanto o prof. Pedro Eymar recebia grupos adultos. Entre 2008 e 2018, nas ausências dos dois, os grupos eram recebidos pela museóloga.
- 6 O programa anterior, de 1977, havia sido extinto em 1981, gerando um vácuo nas ações institucionais universitárias de incentivo à cultura artística.
- 7 Neste momento, a equipe era restrita e se resumia à Direção, à Secretária administrativa, ao Fotógrafo (professor de Ensino Básico e Tecnológico - desviado de função) e ao contínuo, assim como dois terceirizados para serviços de portaria e zeladoria na área interna e 4 vigilantes na área externa, em escala de revezamento de turnos de 12 horas.
- 8 Desde 2006, com a Portaria nº 1, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) havia firmado a obrigatoriedade dos museus federais a ele vinculados elaborarem e executarem os seus “planos museológicos”. No mesmo documento, Plano Museológico (PM) é definido como “ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da missão da instituição museal e para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento”. No contexto de construção de políticas públicas para o campo museal, o PM foi consolidado como ferramenta de gestão para todos os museus do país quando da criação do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e da publicação da Lei 11.904 (Estatuto de Museus), ambos em 2009.
- 9 O primeiro Plano Museológico do Mauc foi consolidado em 2009, com previsão de atualização bianual.
- 10 Em 2015, recebe a primeira leva de um corpo funcional interdisciplinar que incluía bibliotecária, técnica em arquivo e produtora cultural. Em 2016, incorpora-se à equipe uma administradora e uma arquivista. O movimento de ampliação da equipe tem sido crescente, sempre pautado no crescimento das demandas e no planejamento estratégico. Em 2018, duas assistentes em administração foram incorporadas; em 2019, um museólogo e, em 2020, um contramestre em artes gráficas e mais um assistente em administração.
- 11 A Política Nacional de Educação Museal (PNEM) constitui um marco nas políticas públicas de museus e foi instituída por meio da Portaria nº 422, de 3/11/2017, após longo processo de

discussão, participação e construção coletiva. Conforme o documento, a PNEM é “um conjunto de princípios e diretrizes que o tem o objetivo de nortear a realização das práticas educacionais em instituições museológicas, fortalecer a dimensão educativa em todos os setores do museu e subsidiar a atuação dos educadores.”.

- 12 É importante ressaltar que este trabalho ainda está em curso. Devido aos protocolos de segurança para contenção da pandemia de Covid-19, o Mauc precisou reestruturar sua atuação, o que implicou em uma série de novas ações e que fez com que fosse preciso priorizar outras demandas. No entanto, a instituição pretende elaborar relatório com a avaliação do primeiro ano de atuação do Núcleo Educativo.
- 13 Estudantes que participaram da implantação do Núcleo Educativo do Mauc: Carla Bianca Amarante Correia (História), Igor Eduardo de Lima Moreira (Pedagogia), July Araújo Dionizio (Letras Libras) e Thaís Cândido Vieira (Letras Português/Italiano). Por um curto período, a bolsista Maria Victória Soares Pereira (História) participou do Núcleo, mas foi redirecionada para o desenvolvimento de pesquisas institucionais, devido a demandas internas.
- 14 O Programa Institucional de Bolsas de Inovação (PIBI) é ligado à Pró-Reitoria de Planejamento e Administração (PROPLAD). Em 2020, passou a ser gerenciado em parceria com a Pró-Reitoria de Relações Internacionais e Desenvolvimento Institucional (PROINTER).
- 16 A parceria para estágios da disciplina Ação Educativa Patrimonial, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Berenice Abreu, do curso de Licenciatura em História, foi firmada em 2018. A primeira turma de estagiários atuou no museu antes da institucionalização do Núcleo Educativo, com visitas mediadas e participação em oficinas, como no Corredor Cultural Benfica, evento cultural realizado na UFC.
- 16 O evento aconteceu na 17ª Semana Nacional de Museus através de parceria do Mauc com o Grupo de Estudos Discurso, Identidades, Raça e Gênero – GDIRG/UECE, Grupo de Pesquisa Literatura e as metodologias para a formação de leitores – LIMEFLE/UECE, Grupo de Pesquisa Ludicidade, discursos e identidades nas práticas educativas – LUDICE/UFC e o Núcleo de Africanidades Cearenses – NACE/UFC.
- 17 Realizado na 13ª Primavera dos Museus, em parceria com o Museu da Fotografia Fortaleza (MFF) e com o apoio do Laboratório de Arte Contemporânea (LAC) e do Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte (LICCA), ambos da UFC.

Referências

COSTA, Pedro Eymar Barbosa. **Programa Bolsa Arte**. Sem data. Não publicado.

COSTA, Pedro Eymar Barbosa. **Informações acerca da criação do MAUC e da constituição de seu acervo**. Fortaleza: Museu de Arte da UFC, 2009 (não publicado).

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília: IBRAM, 2018.

MARTINS FILHO, Antônio. **História Abreviada da UFC**. Fortaleza: Casa de José de Alencar/Coleção Alagadiço Novo, 1996.

MUSEU DE ARTE DA UFC. **R. Cela: Gravura e desenho**. Fortaleza: Mauc, 1961.

PEREIRA, Marcele Regina Nogueira. **Entre Dimensões e funções educativas: A trajetória da 5ª Seção de Assistência ao Ensino de História Natural do Museu Nacional.** 180 p. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins/Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2010.

SIQUEIRA, Graciele Karine; CORREIA, Helem Cristina Ribeiro de Oliveira; COSTA, Pedro Eymar Barbosa. Um Museu Universitário de Arte no Ceará - história, coleções e atuação. Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará - Mauc/UFC. **Revista TOM. Cultura, Arte e reflexão.** v. 5, n. 9, p. 153-163, 2019. Disponível em: https://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom_9_museus_e_colecoes_final Acesso em: 2 out. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará. **Projeto Educativo**, 2018.

Indicações para pesquisa

Livros, catálogos e cadernos

CARVALHO, Gilmar de. (Org.). **Antônio Bandeira: e a poética das cores.** Fortaleza: Edições UFC, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/47548> Acesso em: 10 out. 2020.

GALVÃO, Roberto. **Chico da Silva e a Escola do Pirambu.** 101 p. (Monografia) – Curso de Especialização em Arte-Educação na Universidade Federal da Paraíba. Fortaleza: Secretária de Cultura e Desporto, 1985. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1FOuNIESHG722uAkqPToGt2kjFUhugjNH/view>.

MUSEU DE ARTE DA UFC. **Caderno de Resumos e Programação: Seminário Interinstitucional Por dentro e para além dos museus: arte, educação e patrimônio.** Fortaleza: Museu de Arte da UFC, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/50974> Acesso em 10 out. 2020.

MUSEU DE ARTE DA UFC. **Caderno de Resumos e Programação: 1ª Jornada de Práticas Educativas e Científicas do Museu de Arte da UFC.** Fortaleza: Museu de Arte da UFC, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/50965> Acesso em: 10 out. 2020.

MUSEU DE ARTE DA UFC. MAUC para colorir: caderno de ilustrações edição de aniversário 1961-2020. Francisco Antônio de Araújo. Fortaleza: Mauc, 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/18Vifugb-QWRPFwCby7GjIYqYpHWujs03/view> Acesso em 10 out. 2020.

Catálogos de exposições do Museu de Arte da UFC: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/50860> Acesso em: 10 out. 2020

Artigos/Textos/Entrevistas

CARVALHO, G. de. Xilogravura: Os Percursos da Criação Popular. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S. l.], n. 39, p. 143-158, 1995. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i39p143-158. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/72075>. Acesso em: 10 out. 2020.

COSTA, Pedro Eymar Barbosa. A fascinante mística de um artista que prefere ver pétalas de rosa onde outros vêem pó. **Revista Entrevista**, Fortaleza, n. 22, p. 44-57, nov. 2009. Entrevista concedida a Amanda Sampaio, Arilo Assunção, Artur Mota, Camila Gadelha e Monyse Ravenna de Sousa Barros. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/35935> Acesso em: 10 out. 2020.

JUAÇABA, Heloísa. Heloísa diz com quantas cores se faz arte erudita e popular. **Revista Entrevista**, Fortaleza, p. 43-54, set. 1994. Entrevista concedida a Cláudia Monteiro, Ethel de Paula, Francineide Martins, Liana Farias e Marília Aguiar. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/34624> Acesso 10 out. 2020.

MARTINS FILHO, Antonio. A ideia da criação do Museu de Arte. In: MARTINS FILHO, Antonio. **O outro lado da história**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1983, p. 192-195. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1wyBBrspc5x5veuYsboesZM4nGyUo-xvE/view> Acesso 10 out. 2020.

MENEZES, Zuleide Martins de. Martins Filho e as Artes Plásticas no Ceará: o Museu de Arte da UFC. In: MENEZES NETO, Paulo Elpídio de. (Org.). **Martins Filho de Corpo Inteiro**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004, p. 99-108. Disponível em https://drive.google.com/file/d/1TrRJumumj5UHRJupVaj7Sj_C86_fehwr/view Acesso em 10 out. 2020.

Sites e redes sociais do Museu de Arte da UFC – Mauc

Site institucional: www.mauc.ufc.br

Facebook e Instagram: @museudeartedaufc

Instagram – Núcleo Educativo do Mauc (NEMauc): @educativomauc

Canal no Youtube: [https://www.youtube.com/channel/](https://www.youtube.com/channel/UCvUt5h7lZhYVIS5RDamI_yA)

[UCvUt5h7lZhYVIS5RDamI_yA](https://www.youtube.com/channel/UCvUt5h7lZhYVIS5RDamI_yA)

Facebook e Instagram da Biblioteca do Mauc Floriano Teixeira: @bmauc